

HAMLET COM O PRÍNCIPE DINARMAQUÊS: UMA ALTERNATIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA AOS REDUCIONISMOS INERENTES AO MAINSTREAM¹

*Gustavo Andreão*²

Doutorando em Ciências Econômicas (UNICAMP)

gustavo.93.andrea@gmail.com

*Máisa Goulart*³

Doutoranda em Ciências Econômicas (UNICAMP)

maisagsr@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar as críticas e alternativas aos reducionismos inerentes à aceitação de uma teoria como *mainstream* em economia. Parte-se do pressuposto de que a evolução da disciplina nas últimas décadas levou à constituição de uma corrente majoritária – o *mainstream* – pouco disposta a dialogar com outras visões, mas que em diversos pontos, tanto teóricos como metodológicos, não corresponde à realidade, situação que se perpetua na atualidade. O trabalho tem o intuito de apresentar a crítica da economia política aos reducionismos incorporados na economia dita como moderna e a crítica metodológica aos princípios do *mainstream*. Ao tomar estas abordagens críticas como base, lança-se a abordagem da complexidade para amparar os pressupostos do pluralismo em economia, defendendo a abertura da postura dogmática dos pesquisadores adeptos à teoria dominante.

Palavras-Chave: Ciência Econômica; Economia Política; Metodologia da Economia; Complexidade; Pluralismo.

ABSTRACT

This paper aims to identify and analyse criticism to the intrinsic reductionisms within mainstream economics while providing alternatives. The mainstream economics has emerged as a hegemonic stream in the field in the last decades. Although theoretically and methodologically unrealistic, the mainstream is unwilling to discuss with other schools of thought within and outside economics. Based on the political economy, this paper aims to criticise the mainstream economics in relation to its intrinsic reductionisms and in relation to its methodology. Based on those critical approaches, this paper uses the complexity and its approach to economics in order to support a pluralistic approach within economics, being against the dogmatic stand of mainstream economists.

Keywords: Economics; Political economy; Economical methodology; Complexity; Pluralism

¹A primeira parte do título deriva de um comentário de Schumpeter (2008), de que uma construção teórica que ignora a destruição criadora e a competição por produto (no caso o *mainstream*), ignora o que há de mais capitalista no capitalismo: é Hamlet sem o príncipe. Ao se opor à visão do *mainstream*, mantendo a alegoria do autor, reintroduz-se o príncipe dinamarquês na peça.

² Doutorando no programa de pós-graduação em Ciência Econômica do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp). E-mail: gustavo.93.andrea@gmail.com

³ Doutoranda no programa de pós-graduação em Ciência Econômica do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp). E-mail: maisagsr@gmail.com



Introdução

Uma tradição intelectual importante vem criticando há décadas a atitude de pensar a ciência econômica como uma física social em termos de uma *hard Science*, posição esta que almeja uma homogeneização da pesquisa e do ensino em Economia. A insatisfação com essa atitude do *mainstream*⁴ econômico por parte de alguns economistas, de outros cientistas sociais e do público em geral revigorou-se desde que a crise de 2008 tomou conta das preocupações do mundo, dado que a própria possibilidade de ocorrência de crises tinha sido excluída da teoria dominante. Entretanto, a crise foi responsável por promover novas reflexões e dar fôlego ao debate e aos movimentos questionadores que já existiam, reafirmando a importância da economia política para as análises econômicas, e é por conta disso que a pergunta que este artigo pretende responder é: quais são as alternativas teórico-metodológicas aos reduccionismos inerentes ao *mainstream*?

Neste sentido, a crise econômica e financeira de 2008 levou também a uma crise da economia enquanto ciência (NAKATANI, 2011; MILONAKIS, 2011). Esse processo reabriu algumas discussões marginalizadas, geralmente restritas às abordagens consideradas heterodoxas (FAUSER e KASKEL, 2016), ao mesmo tempo em que permitiu promover debates que questionam a forma com que são conduzidos o ensino e as pesquisas em Economia. Estes questionamentos quase sempre são feitos a partir de uma perspectiva teórica que recupera autores importantes no campo de economia política tais como Belluzzo (1998; 1999), Dardot & Laval (2016), Keynes (1936; 1984), Marx (1983; 1985), Minsky (1975; 1985; 1986), Schumpeter (1961; 1988; 1997) entre outros e uma perspectiva metodológica tendo Colander (2000), Dequech (2007), Fullbrook (2003), Engels (1979), Possas (1997), Prado (1999) entre outros, como literatura base.

Ao reconhecer as falhas e reduccionismos do *mainstream*, por meio das críticas teóricas e metodológicas à abordagem da ortodoxia em Economia, lançamos mão da abordagem da complexidade para embasar o pluralismo como uma alternativa ao

⁴ Os termos *mainstream*, ortodoxo e neoclássico são usados neste trabalho em forma intercambiável, como referência à posição teórica dominante em economia. Estamos cientes de que esses termos podem ter implicações diferentes, conforme desenvolvido por Colander (2000) e Dequech (2007), entre outros, mas para os objetivos deste trabalho a sinonímia é aceitável, especialmente porque a crítica da economia política e a crítica metodológica se dirigem ao conjunto da perspectiva que é denominada por esses três termos por diferentes pessoas em diversas circunstâncias.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

dogmatismo instaurando pela ortodoxia em economia. Consideramos que a complexidade tem como principal base a noção da impossibilidade de explicar o todo partindo das partes e, portanto, o pluralismo seria uma alternativa mais razoável neste contexto.

O reduccionismo clássico⁵ ou reduccionismo metodológico⁶ entende que a explicação científica de qualquer objeto de estudo pode ser elucidada por reconstituição: reduzindo um objeto ou cadeia causal em diversos outros objetos ou cadeias causais menores a serem separadamente abordados. A agregação de conclusões separadas é a própria explicação do objeto original de acordo com o reduccionismo clássico. Ele é elemento base do *mainstream economics*, sendo a sua negação elemento chave da complexidade. Ao negar o reduccionismo clássico, a complexidade propõe a análise da cadeia causal como um todo, focando nas interações entre agentes, surgimento de padrões meso-econômicas (fenômenos). A revisão de literatura pertinente ao tópico consiste em Prado (2009), Fang e Casadevall (2011), Arthur (2015), Mitteltrass(2012) e Mueller (2016).

O pluralismo, como uma alternativa à dominância da teoria neoclássica como dominante na Economia, é entendido como uma postura ética por parte dos pesquisadores em economia, abertos ao diálogo crítico. Para tanto, a literatura pertinente que será recuperada consiste em Bianchi (1992; 2010), Fernandez (2011), Fullbrook (2008), Davis (2007), Dobusch & Kapeller (2012), Dow (2004) Maki (1997) e Neville Keynes (1917).

As próximas seções, além desta breve introdução, tratarão temas acerca dos reduccionismos inerentes à teoria dominante em Economia. A segunda seção se encaminha para a abordagem da complexidade, em termos mais gerais, para evidenciar a impossibilidade de alcançar análises completas em Economia, especialmente ao compreender que as partes não permitem uma avaliação sensata sobre o todo. A terceira seção, por sua vez, apresentará o conceito e alguns debates sobre as vantagens em adotar o pluralismo das abordagens em economia como uma alternativa ao dogmatismo verificado até então pela ortodoxia em economia. Por fim, as considerações finais

⁵ Cf. Prado (2009).

⁶ Cf. Fang e Casadevall (2011). Apesar dos autores discutirem três tipos de reduccionismos, evita-se a análise pormenorizada dos reduccionismos epistemológicos e ontológicos.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

evidenciam os principais pontos levantados e tratados pela literatura pertinente, apresentada nas sessões supracitadas.

1. Crítica da Economia Política ao ‘Economics’

A presente subseção procura apresentar e desenvolver alguns argumentos contrários ao *mainstream* na economia. Para tanto, parte-se das discussões pertinentes provenientes da Economia Política, sobretudo em autores de relevância para o pensamento econômico, que explicitam os reduccionismos inerentes à teoria ortodoxa. Assim, este tópico assume um caráter expositivo que não procura exaurir o debate, e sim dar corpo à discussão.

Schumpeter (1997, 2008) aparece como crítico da análise ortodoxa, sobretudo walrasiana, que reduz a economia a um estado perpétuo de equilíbrio em que apenas choques externos a atingem, ponto que economia retorna dado que o equilíbrio é estável e convergente. A crítica principal de ambos os seus trabalhos recai sobre o papel secundário da tecnologia e da inovação nos modelos econômicos hegemônicos.

Schumpeter inicia a obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico” atentando para a abstração inerente ao exercício da análise econômico, a qual extrai da realidade fatos econômicos apesar de que “[o] processo social, na realidade, é um todo indivisível” (SCHUMPETER, 1997, p. 23). Neste livro, Schumpeter analisa uma estrutura econômica fechada de inspiração neoclássica walrasiana, o fluxo circular. A partir dessa construção teórica, o autor atenta para as inconsistências internas desse modelo: irrelevância do crédito, mero adiantamento de dinheiro; dinheiro enquanto unicamente meio de troca; estaticidade da análise; e, sobretudo a ausência de desenvolvimento econômico, que ocorre com mecanismos internos que promovem o progresso técnico, mecanismos estes ausentes no fluxo circular.

No livro “Capitalismo, Socialismo e Democracia”, Schumpeter (2008) elucida um conceito relevante que é ignorado pela análise do *mainstream*: a destruição criadora. Esta é caracterizada por revoluções em ondas, que ocorrem em meio a um processo evolutivo de “mutação industrial”, destruindo o velho e criando o novo. O autor critica o *mainstream* ao afirmar que este analisa um processo de competição irreal entre infinitas



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

firmas atomizadas tomadoras de preços em mercados perfeitos e completos⁷. Ademais, ele prossegue suas críticas em relação à análise estática do *mainstream*, o qual confina a análise econômica ao estudo de como administrar a estrutura existente, quando na verdade a pergunta central é como o capitalismo cria e destrói estruturas. O cerne deste processo de destruição criadora é a tecnologia, mais especificamente o progresso técnico, fator sumariamente negligenciado pelo *mainstream*. Em relação a tal negligência, Tigre (2005) sumariza a noção de que o progresso técnico se encontra fora da área de análise econômica de um ponto de vista neoclássico, competindo aos engenheiros e cientistas e não aos economistas⁸.

Em relação à competição, Possas (2002) reconhece a inovação de Schumpeter ao introduzir uma “teoria da concorrência”, resgatando pontos relevantes para autores clássicos como Smith e Ricardo e, sobretudo Marx, porém negligenciados pelo desenvolvimento da economia neoclássica marginalista. Especificamente em relação à competição descrita pelo *mainstream*, é impossível tomar a competição perfeita como *proxy* razoável do mundo real e é errôneo tomar os seus resultados como eficientes (SCHUMPETER, 2008). Esta é inclusive uma conclusão à qual o próprio *mainstream* relutantemente chegou em seus “pés de barro” de acordo com Prado (2006): os teoremas de Sonnenschein, Mantel e Debreu.

Já em relação ao papel do crédito, Schumpeter (1997) o entende como central para o progresso técnico, já que por vezes os empresários (empreendedores) não dispõem dos meios para levar os projetos à frente, enquanto que capitalistas (banqueiros) possuem esses meios sem necessariamente possuírem projetos. Há dessa forma dinâmica entre esses dois grupos sob a forma de crédito: capitalistas concedem crédito à empresários, que o utilizam para realizar seus projetos retornando o capital à crédito com juros para os capitalistas. Schumpeter (2008), ao contrário do que em seu livro anterior, vê na figura do conglomerado e não do capitalista individual o elemento dinâmico do capitalismo.

⁷ “Em primeiro lugar, essa tese [neoclássica] implica a criação de uma imaginária idade de ouro de concorrência perfeita que, em dado momento, se metamorfoseou na era monopolista, quando é evidente que a concorrência perfeita jamais foi mais real do que é atualmente.” (SCHUMPETER, 2008, p. 103)

⁸ Seu argumento repousa na ideia da firma neoclássica como “caixa-preta”, equação desencorpada de insumos em produtos. Todavia, Tigre (2005), analisando o contexto estudado pelos marginalistas do século XIX e do início do século XX atenta para fatores institucionais que acabam por validar por determinados pontos da teoria neoclássica, ainda que apenas para o contexto inglês do final do século XIX. Para o bem da verdade, o autor condena veemente uma análise anacrônica tanto à favor quanto contra o *mainstream* baseado naquele contexto específico.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Maísa Goulart

Esse processo, todavia, não diminui o papel do crédito, que é tão ou mais essencial para as grandes firmas, as quais podem incorrer em grandes dispêndios em sua competição por produtos, processo esse que por envolver inovação é permeado de incertezas.

Keynes (1996) critica a economia hegemônica da época em diversos pontos, propondo alternativas: a teoria da preferência pela liquidez e o princípio da demanda efetiva. Ressalta-se suas críticas em relação ao mercado de trabalho, à teoria de taxa de juros e ao papel da moeda. O autor critica as ideias de equilíbrio de pleno emprego em todos os mercados, principalmente a ideia de equilíbrio no mercado de trabalho. Em relação a esse último ele vai contra a noção da desutilidade marginal do trabalho que produz uma curva de oferta de trabalho positivamente inclinada em relação ao salário.

Keynes (1996) também critica a teoria dos fundos emprestáveis, aonde investimento e poupança são equalizados via uma taxa de juros natural de mercado. Propõe que a taxa de juros não é natural e sim um preço macroeconômico de status quo⁹, além de defender que o investimento determina poupança, sendo ela, apenas mero resíduo. Em relação ao papel da moeda, este é mais do que mero meio de troca, possuindo duas funções a mais que a transacional: a especulativa, na qual a moeda é carregada pelos agentes *bears* em momentos de alta da taxa de juros; e a precaucional, na qual a moeda é retida por ter um prêmio de liquidez máximo, ou seja, poder ser rapidamente trocada por bens¹⁰. Por fim, as suas teorias do consumidor e do investimento são bastantes críticas às suas similares no *mainstream*¹¹.

Rubin (1979; 1987) destaca que se deve sempre evitar o anacronismo ao se analisar a economia, isto é, deve-se sempre levar em conta a construção socioeconômica hegemônica à época, entendendo como a ontologia desenvolvida pelo autor se configura em relação àquela: em uma instância reformista, revolucionária ou confirmatória. As condições *históricas e teóricas* das obras e de seus autores devem ser levadas em conta, sempre ao mesmo tempo. Polanyi (2011) em consonância com essa noção, mesmo não se

⁹ Cardim de Carvalho (1999) analisa pormenorizadamente as noções de políticas econômicas em economias monetárias de produção. Sua análise da política monetária em Keynes ressalta esse aspecto.

¹⁰ Afinal, seguindo a máxima de Clower “moeda compra bens e bens compram moeda, mas bens não compram bens” (CARDIM DE CARVALHO, 1999, p. 262).

¹¹ Keynes (1937) ressalta que os aspectos psicológicos são essenciais para ambas, sendo que incertezas e tempo têm papel fundamental sobre a psicologia de consumo e investimento. A análise do *mainstream* todavia ignora fatores como incerteza com agentes racionais e informação perfeita, e também ignora a variável tempo devido à sua estaticidade.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

configurando um marxista convencional, escreve “A grande transformação”. O autor atenta para questões antropológicas, históricas e sociais. De forma similar, Polanyi e Pearson (1977a, 1977b) escrevem o ensaio “A subsistência do Homem”.

Polanyi (2011) entende que uma economia de mercado é um organismo auto-regulável, no qual os seres humanos são movidos pelos ganhos e a única forma de coordenação é o sistema de preços: toda a produção é para venda no mercado e todos os rendimentos derivam do mercado. O autor entende que um dos principais movimentos da economia de mercado é a transformação do homem e da natureza em mercadorias. Todavia, por não serem mercadorias de fato, trabalho e terra (além do dinheiro) se caracterizam como mercadorias fictícias, não sendo criadas para a lógica de mercado, porém sendo constrangidas a se comportarem em tal lógica. Isso é uma obrigação da economia de mercado, que necessita que todos os elementos da vida social e da vida política sejam subjugados pela ordem de mercado, sendo ambas constrangidas pelo sistema de preços que não admite intervenções. Dessa forma, o trabalho que é uma expressão do homem, a terra que é uma representação da própria natureza e o dinheiro que é apenas um símbolo de poder de compra são mercantilizados. Há na economia de mercado um duplo movimento: a expansão da organização de mercado em relação às mercadorias genuínas; conjugada a uma restrição em relação às mercadorias fictícias.

Polanyi e Pearson (1977a) reafirmam a subjugação do social pelo econômico, ou pela economia de mercado. Constrange-se o homem e toda a vivência social à busca desenfreada de prazeres em um mundo no qual o que supre tais desejos é escasso. Assim, se deve ser racional em suas escolhas: qualquer outra escolha que fuja a essa ideia de racionalidade é, por semântica, irracional. Haveria um verdadeiro silopsismo econômico, no qual não há nada além da ordem econômica e esta engloba tudo: a mentalidade de mercado não apenas predomina como procurar negar qualquer outra mentalidade, mesmo que para tal utilize-se do Estado¹².

Polanyi e Pearson (1977b) trazem uma dupla definição de econômico: a substantiva, na qual ele representa o conjunto dos meios materiais para suprimento das necessidades humanas não-materiais; ao passo que o significado formal de econômico é composto pelo caráter lógico da relação meios-fins, isto é, do conjunto de teorias ou

¹² Cf. Polanyi (2011).



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

ideologias que se conjuga ao significado econômico substantivo. Na economia neoclássica há um movimento teórico de tentativa de unir ambas as definições: a economia formal e a substantiva seriam iguais, não há teoria ou ideologia por trás. Isso é representado pela naturalização do conceito de trocas, do *homo economicus*, da busca sem fim por mais bens em um mundo de recursos escassos. De fato, a escassez se torna regra, sendo pregada como uma máxima verdadeira, na qual nada existe em número suficiente ou adequado, assim o trabalho da economia é a alocação eficiente de recursos. A única necessidade natural é o sustento e a economia é o único meio de se atingi-la, por meio dos rendimentos da terra (renda), do capital (juro e lucro) ou do trabalho (salário).

Veblen (1909) e Coase (1960, 2008) focam suas críticas na ausência da análise de normas sociais, convenções, leis e hábitos no *mainstream*. Ao ignorar essas instituições, parte significativa da análise se perde e os resultados passam a divergir da realidade, um exemplo claro é o papel da firma, a qual atomizada e passiva, essencialmente não possui papel no *mainstream* além de empregar e produzir, sem que qualquer atenção seja dada a tais ações (COASE, 2008). Outra consequência de se ignorar o papel das instituições é que a eficiência na alocação e a eficiência distributiva passam a convergir sempre, algo que não ocorre no momento em que instituições são consideradas, como no exemplo clássico da ferrovia e da plantação de Coase (1960).

Thorstein Veblen é o autor que cunha o termo “neoclássico”, sendo esta uma referência pejorativa ao *mainstream* marginalista de Marshall, Jevons e Menger e servindo para separar estes e outros autores afins da escola da economia política clássica de Smith, Ricardo, Malthus e Stuart Mill (cf. COLANDER, 2000). Veblen (1909) critica a utilidade marginal como sendo um artefato teórico estático e teleológico, limitando a ação e o psicológico humano a alguns poucos postulados dedutivos. Como alternativa à física newtoniana, base da análise do *mainstream*, Veblen propõe o uso de ideias darwinianas. Hodgson (2004) ressalta essa tentativa, embora conclua que o autor falha em desenvolver uma sistemática teórica ou metodológica completa sobre uma teoria de evolução institucional, devido a problemas pessoais e, sobretudo à novidade extrema das contribuições de Darwin à ciência, as quais ainda levariam décadas para serem propriamente analisadas, debatidas e entendidas.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

North (2008) e Acemoglu, Johnson e Robinson (2005) já utilizam a análise institucional para estudar crescimento e desenvolvimento nacional. Ambos os autores veem as instituições e a “construção de boas instituições” como fundamental para o desenvolvimento de qualquer nação. Vão dessa forma contra o *mainstream* que entende o mercado como um ambiente ou uma entidade cujas regras são perenes, plenamente conhecidas por todos e, talvez mais importante, respeitadas por todos. Simon (1959) e Williamson (1979) fazem uma crítica em relação ao último ponto. Ao supor um comportamento oportunista dos agentes, os autores acabam introduzindo uma problemática que, apesar de ausente no *mainstream* é de fato coerente com ele: um indivíduo oportunista é um indivíduo hiper-racional que maximiza sua utilidade a despeito de diminuir a utilidade dos demais: regras e leis são apenas obstáculos no caminho dessa maximização. Ademais, Simon (1979) critica pormenorizadamente as noções de escolha no *mainstream*, estendendo suas críticas inclusive à teoria dos jogos.

Fica assim claro que há reduccionismos inerentes às teorias que compõem o *mainstream*. Prado (2009) identifica no reduccionismo clássico um sério problema ao *mainstream*: tomar as conclusões sobre partes individuais de longas cadeias causais como a conclusão única do todo. A noção de complexidade é contrária a essa visão. Apesar de uma miríade de análises e definições (cf. MITTELTRASS, 2012; FOXON et al., 2013; HODGSON, 2013; COLANDER, 2014; ARTHUR, 2015; BALE; VARGA; FOXON, 2015; VAZQUEZ, 2018), pode-se entender a complexidade como o entendimento que o todo é mais que a soma das partes, isto é, que fragmentar algum objeto leva, necessariamente, a perdas na análise: o todo não é explicável pela reconstituição das partes. Como desenvolvimento desses entendimentos tem-se que não há equilíbrio na economia¹³, que os agentes são heterogêneos, que interações são relevantes e que, por não haver equilíbrio (e, portanto ótimo), agentes adaptam e aprendem, não necessariamente em busca de maximizar determinado atributo, mas, como Simon (1959) coloca, na busca de sobrevivência em um ambiente incerto (VAZQUEZ, 2018). Tais entendimentos apontam para a insuficiência metodológica do *mainstream* ao analisar ambientes complexos, isto é, apontam na direção de um reduccionismo epistemológico inerente ao *mainstream*. Critica-se metodologicamente o *mainstream* na próxima seção.

¹³ Ou se há, ele é de pouca serventia (cf. ARTHUR, 2015).



2. Crítica metodológica ao *mainstream*

A economia não se apresenta como uma ciência comum: habita a fronteira entre as ciências exatas e as sociais, entendida como uma ciência social aplicada, entretanto, muitas vezes é apresentada subentendendo uma ordem mecânica, geralmente vinculada à ortodoxia, que carrega consigo uma série de reduccionismos, que pretendemos criticar, em termos metodológicos, ao longo desta seção.

A ideia geral é uma busca por teoria e realidade reconectadas, tal que passa pelas fronteiras da crítica à adoção de uma corrente de pensamento econômico como *mainstream*, e por isso a recuperação da economia com um caráter social, cujas competências dialogam com outras ciências da mesma área, tais como sociologia, psicologia e filosofia, argumento que serve em favor da interdisciplinaridade. De forma similar Casanova (2006) elenca:

A economia dominante, como ciência, tornou-se o exemplo mais dramático de uma disciplina que, tendo em sua origem fortes vínculos com as ciências políticas e sociais, cortou esses vínculos com a suposta pretensão de se parecer com a física mecânica, e assim perdeu todo o rigor. (p.18)

Hayek (1974) definiu cientificismo como uma conduta decididamente não científica porque relaciona uma aplicação meramente mecânica de atitudes científicas a campos distintos. Ainda neste contexto, o autor ressalta que, nas ciências complexas, tais como as sociais aplicadas, a sociedade é o próprio laboratório: as teorias devem ser testadas dentro do contexto social em que se inserem. Com isso Laville e Dionne (1999) endossam:

Se, em ciências humanas, os fatos dificilmente podem ser considerados como coisas, uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, que são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras, e igualmente o caso do pesquisador: ele também é um ator agindo e exercendo sua influência. (LAVILLE E DIONNE, 1999, p.33)



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Maísa Goulart

Hayek (1974) centrou seus estudos metodológicos em torno das particularidades da capacidade preditiva para as ciências sociais, identificando que há um claro problema na falta de linearidade da relação entre causa e efeito. Neste sentido, KERSTENETZKY (2004) explicita que:

O aspecto problemático do reconhecimento emerge quando se observa a múltipla determinação a que está sujeito o comportamento dos atores sociais. Hayek chama a atenção para a complexidade que envolve o arranjo de regras superpostas e interrelacionadas. [...]. Adicionalmente esta complexidade é posta em movimento em cada ação particular quando tanto uma combinação habitual de regras pode estar na ordem do dia quanto uma mudança no modo habitual de lidar com as coisas. (KERSTENETZKY, 2004, p.18)

Scheall (2015) fez menção ao fato de que nas ciências sociais aplicadas há muitas causas para um efeito¹⁴ o que, concomitantemente, também pode ser uma das causas de uma série de outros novos efeitos, cuja comparação com a linearidade dos fenômenos das ciências exatas. De modo similar, Simon (1959, 1979) atenta para a dificuldade de identificação de variáveis dado noções de racionalidade limitada dos agentes e problemas informacionais, sobretudo informação imperfeita. Um aspecto relevante defendido pelo autor é que agentes, incluindo *policymakers* agem indutivamente, montando modelos mentais de “como a economia é” para atuar em um ambiente onde predomina incerteza fundamental¹⁵.

Dardot e Laval (2016), em uma análise de Friedrich Hayek, colocam o autor enquanto liberal e conservador em completo contraponto em relação ao *mainstream*, sobretudo a modalidade walrasiana. Um ponto claro de contraposição é em relação à informação: enquanto o *mainstream* a supõe perfeita e perfeitamente distribuída; Hayek

¹⁴ De modo similar, Resnick e Wolff (1987) evidenciam o conceito de ‘*sobredeterminação*’ que objetiva eliminar as noções essencialistas dos meios sociais (a exemplo: o econômico). Lima (1996, p.64-65) explicita que “Como Resnick e Wolff colocam, a centralidade do conceito de *sobredeterminação*, por eles tomado emprestado de Freud, Lukács e, principalmente, Althusser, e modificado consideravelmente, exclui qualquer noção essencialista de algum aspecto social, tal como o econômico, possa ser o determinante final ou o determinante em última instância dos demais aspectos. Uma teoria marxista que segue essa orientação não enfoca a importância relativa dos aspectos sociais não econômicos versus os econômicos, mas, ao contrário, focaliza a complexa estruturação conjunta de todos os aspectos sociais, sua estrutura relacional e as contradições *sobredeterminadas* em cada um deles por todos os demais. Resumindo, cada processo social deve ser concebido como *sobredeterminado* pela interação com outros processos.”

¹⁵ Utiliza-se aqui o termo conforme Dequech (2011)



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

a vê como imperfeita, existindo incertezas inerentes ao funcionamento da economia¹⁶. Os autores vêm nessa posição hayekiana uma recuperação de parte das ideias de Smith, já que a existência de uma mão invisível acarreta em uma impossibilidade de totalização do processo econômico, seja sob um mercado walrasiano, seja sob uma economia planificada¹⁷.

Hayek (1974) apontou que as teorias das ciências sociais enfrentam um número muito grande de variáveis distintas, o que pode ocasionar que uma dessas variáveis seja desconsiderada na formulação da teoria, impossibilitando a implicação segura das teorias na realidade por meio da observação empírica:

Por que devemos, entretanto, na economia confessar ignorância sobre a espécie de fatos que no caso de uma teoria física é esperável que um cientista certamente dê informações precisas? Não é, provavelmente, surpresa que aqueles impressionados pelo exemplo das ciências físicas devem achar esta posição muito insatisfatória e devem insistir nos padrões de prova que lá encontram. (HAYEK, 1974, p. 186).

A ciência econômica carrega consigo algumas consequências relacionadas às impossibilidades de prever ocorrências de eventos pontuais, evidenciando uma especificidade da economia frente à física. Com estes pressupostos Hayek (1974), ainda em “A Pretensão do Conhecimento”, propôs que as ciências sociais aplicadas, em especial a economia, aceitassem fazer previsões de padrões de eventos, sem o detalhamento sugerido para a física ao entender que o nível de minúcias das ciências sociais não é comparável ao das ciências naturais, dada a complexidade e as especificidades da primeira.

Ao compreender a consolidação da teoria neoclássica como ortodoxia da Economia e sua aproximação metodológica com a física, perspectiva que se instaurou, também, devido à promessa de objetividade que seduz o *‘fazer científico’*, o debate deve ser direcionado para o dogmatismo decorrente deste percurso.

¹⁶ Esse inclusive é um argumento central do autor, o *manonthe spot* impede que qualquer planificação total da economia dê certo.

¹⁷ Há de fato um debate se o leiloeiro walrasiano representa de fato um mecanismo de mercado ou um órgão de trocas em uma economia planificada.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

Fundamentada em bases reducionistas e princípios mecanicistas, a espelho da física, a teoria neoclássica prometeu trazer objetividade às análises econômicas, cujo nível de abstração acabou promovendo um afastamento da realidade: “Keynes descreveu a teoria ortodoxa sobre o equilíbrio como uma técnica educada que tenta lidar com o presente abstraído-se do fato de que sabemos muito pouco sobre o futuro” (Robinson, 1980, p.10).

Instituída com o objetivo de contrapor – de modo supostamente revolucionário – os pressupostos das teorias de Ricardo e Marx, a teoria neoclássica dotou-se de instrumentos matemáticos supostamente capazes de permitir entender o funcionamento das economias de mercado, pretendendo-se muito mais objetiva. Com isso, a teoria econômica foi reformulada de forma matematizada para além do suficiente, abrindo as portas para toda a abstração decorrente do uso da matemática como um fim em si mesma e dos princípios reducionistas decorrentes desta escolha, como a noção de equilíbrio geral:

A ideia neoclássica tentou opor a isto uma teoria dos "fatores de produção", em que cada um recebe apenas recompensa, mas, como vimos, não conseguiram tornar isso convincente. É melhor abandonar essa linha de pensamento e retornar aos clássicos para ver como suas concepções podem ser adaptadas para lidar com nossos problemas contemporâneos (ROBINSON, 1979, p.18).

A noção de equilíbrio geral é reducionista por várias razões, dentre as quais está o fato de ignorar a composição do mercado por agentes econômicos que, além de não serem plenamente racionais – como também sugerido pela ortodoxia –, tomam suas decisões com base em expectativas, de modo que não há como ignorar a possibilidade de que os agentes mudem de ideia ao longo do percurso. Soma-se, também, a crítica ao fato de que a noção de equilíbrio não constitui um fator determinante para a análise: o tempo:

Além disso, a teoria não explica o que seria um padrão de equilíbrio de preços relativos. (Poderia aplicar-se apenas em um mundo sem mudança - um estado estacionário ideal - onde as condições sempre permaneceram iguais e espera-se que continue permanecendo igual no futuro). (ROBINSON, 1979, p.15).



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

Ainda sobre a questão do suposto equilíbrio geral, no que se refere ao propósito da economia enquanto ciência pontua-se que, em termos de epistemologia, a corrente neoclássica é instrumentalista, no sentido de que as teorias são entendidas como instrumentos/ferramentas para chegar ao objetivo final da ciência, mesmo que não afirmem ou revelem nenhuma relação com a verdade (TIGRE, 2005; PRADO, 2006). Em relação à tal ponto, Mark Lavoie (1992) explicita que:

O instrumentalismo é a epistemologia dominante na ciência neoclássica. (...) Não se despende nenhum esforço na adoção de hipóteses realistas. Os axiomas não são escolhidos em função da sua probabilidade, mas de fato por sua habilidade em permitir a existência e/ou a unicidade de um equilíbrio. (...) Descrevem o mundo como deveria ser, e não como efetivamente é. Uma vez que os economistas neoclássicos “vulgares” se baseiam na teoria do equilíbrio geral por uma questão de segurança científica, eles são forçados a partir de hipóteses irrealistas e não-descritivas (LAVOIE, 1992, p. 110-11).

A questão da mensurabilidade e previsibilidade dos eventos em economia é um dos pontos principais dessa crítica, chamando atenção para a prática comum dos economistas adeptos da ortodoxia de fazer inferências para o futuro baseados em eventos ocorridos no passado com base numa perspectiva de que o ambiente econômico é como um sistema fechado, ergódico¹⁸. Este sistema supõe que os indivíduos são essencialmente racionais, como explicita Lavoie (1992):

A economia neoclássica está baseada na racionalidade essencial, um tipo muito peculiar de racionalidade. A principal característica da racionalidade essencial é que ela está estreitamente vinculada com informação e facilidades computacionais. O homem econômico racional da economia neoclássica é capaz de prever todos os eventos futuros, de utilizar uma distribuição de probabilidade para traçar todas as alternativas possíveis, ou ainda de formar expectativas incorporando todo o conhecimento disponível (LAVOIE, 1992, p.113)

Soma-se a isto, o ponto central desta análise: a crítica de que a teoria *mainstream*, em busca manter seu espaço hegemônico, não possibilita o debate com as outras correntes

¹⁸ Davidson (1994) conceitua o axioma da ergodicidade: “This ergodic axiom assumes the economic future is already predetermined. The economy is governed by an existing ergodic stochastic process. One merely has to calculate probability distributions regarding future prices and output to draw significant and reliable statistical inferences [information] about the future.”



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

teóricas, apesar da coexistência entre elas, o que acaba por ocasionar um *gap* entre aquilo que é aprendido nos cursos de Economia e a aquilo que se vê na prática. Há uma pretensão de objetividade que separa o aspecto econômico da vida humana do cenário social e político que está no entorno (ROBINSON, 1979, p.3).

Esta postura dogmática da ortodoxia começará a partir da chamada Revolução Marginalista deflagrada na década de 1870. Pode-se considerar que até esse momento a disciplina era entendida como uma Economia Política na qual, como o próprio nome indica, questões envolvendo conflitos de interesses entre agentes estavam no centro da discussão.

A proposta de alguns dos autores da Revolução Marginalista levou à transformação da Economia Política a uma Economia (em inglês, uma mudança de “Political Economy” para “Economics”), de maneira que todas as questões resolvendo alocação e, sobretudo, a distribuição dos rendimentos fossem determinadas automaticamente, a partir da participação de cada agente nos processos produtivos, excluindo, totalmente, o caráter social da “economia política”.

A Revolução Marginalista mudou, de forma definitiva, a ciência econômica. Embora sua visão de mundo mantivesse a fé dos clássicos nos resultados positivos dos mercados desregulados e nas vantagens do livre comércio, sua maneira de fazer ciência era radicalmente diferente daquela dos seus antecessores. Um fator unificador dos marginalistas foi a convicção de que o valor dos produtos do trabalho humano deve ser avaliado subjetivamente, a partir da utilidade que os indivíduos auferem na aquisição, posse e/ou utilização de bens e serviços. E, neste tópico, é imprescindível deixar claro a posição central dada aos indivíduos da teoria neoclássica, desconsiderando os fatores sociais que influenciam as decisões:

Na economia neoclássica, a análise parte do comportamento dos agentes individuais. O indivíduo está no cerne da economia neoclássica. É este o contexto no qual a ideologia exerce sua influência. (...) Instituições, firmas e bancos são uma mera fachada para as preferências dos indivíduos. Estes, embora diferentes em termos de suas preferências características, são todos iguais quanto a seu impacto sobre a economia. **Não existem classes de indivíduos** (LAVOIE, 1992, p.112, grifo nosso).



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

Assim, desconsidera-se a noção óbvia em Marx sobre os conflitos decorrentes das classes, em termos teóricos, e em termos metodológicos, explicita uma ideia de que os seres humanos estão desconectados do meio social em que estão inseridos, todos são representativos, todavia nenhum é representado.

O modelo passou a ser a física e portanto, a economia deveria virar uma “física social”, como proposto por Leon Walras, um dos porta-estandartes dessa Revolução, em seu “Elementos de Economia Política”, publicado em 1874. Outro desses líderes, William Stanley Jevons, na mesma época afirmava em sua “Teoria da Economia Política”, publicada em 1871, que a economia deveria ser matematizada dado que lidava com quantidades¹⁹, na direção contrária do que propõe os desenvolvimentos mais recentes da economia da complexidade, defendida por Prado (1999):

Encontram-se duas concepções antagônicas de sistema econômico. Uma delas, a neoclássica, supondo que coordenação das ações é feita de forma centralizada e que os mercados são completos e não sequenciais, opta por uma concepção atomista da sociedade, em que as interações sociais ocorrem de um modo mecânico e são inerentemente reversíveis. A outra, a ser denominada evolucionária, ao incorporar explicitamente noções de incerteza endógena – ou seja, de entropia – e de processo de mercado, leva a adotar uma concepção de economia como um sistema de ações que ocorrem de modo espelhado, as quais se influenciam e se realimentam mutuamente, dependendo sempre do meio de comunicação adequado. A primeira dessas duas tem, como se sabe, uma natureza estática e a segunda caracteriza-se por incorporar a flecha do tempo. (PRADO, 1999, p.11-12)

Pode-se considerar que metáforas baseadas na física de meados no século XIX permitiram que os ramos inglês e francês da Revolução Marginalista concretizassem uma proposta para a reconstrução da ciência econômica caracterizada pela utilização de um instrumental formal que até esse momento não tinha sido considerado necessário para desenvolver o campo de conhecimento (MIROWSKI, 1989). Todavia, seu impacto, inicialmente forte, foi sendo suavizado nas décadas posteriores.

Nota-se que a Revolução Marginalista foi, em termos gerais, bem-sucedida, na medida em que conseguiu estabelecer sua agenda no centro das discussões, introduzindo

¹⁹ Isso é um claro desdobramento da mudança do uso da Teoria valor-trabalho dos clássicos para a Teoria valor-utilidade com bases Utilitaristas nos moldes de Bentham(2007).



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

a ideia de que uma abordagem formal deveria ser o meio adequado de fazer ciência econômica, indo muito além dos pioneiros na utilização das matemáticas no campo, tais como Cournot e Von Thunen. Mas também não é correto atribuir um sucesso absoluto às suas propostas. A reação gerada foi muito forte, e a utilização de uma linguagem fortemente formalizada provocou muitas críticas.

Uma dessas reações foi a de Thorstein Veblen, o autor da denominação “neoclássico”²⁰ para se referir aos marginalistas, que em 1898, em seu paper, “Why Economics is not na Evolutionary Science” fez uma crítica frontal à escola. Mas as críticas não se restringiram aos adversários, e o que passou a ser considerado como abuso na utilização da matemática caiu também sob fogo amigo. Notadamente Alfred Marshall, o economista inglês mais importante na virada do século XIX para o XX, propôs a existência de uma continuidade entre os “revolucionários” e seus antecessores que estavam bem distantes da atitude de Jevons em relação a eles.

Mais ainda, Marshall passou a demonstrar um crescente desconforto com a utilização da abordagem formal como estilo argumentativo prioritário da economia, o que o levou a propor que, embora a matemática pudesse servir como instrumento de descoberta para as pesquisas dos economistas, estes deveriam “queimar as matemáticas” antes de publicar seus trabalhos²¹. Em seus princípios de economia escreve que “Economia é um estudo dos homens tal como vivem, agem e pensam nos assuntos ordinários da vida. Mas diz respeito, principalmente, aos motivos que afetam, de um

²⁰ Cavalieri (2012, p.13) detalha: “É assim que Veblen (1900: 261, 265-6) leu e definiu a economia neoclássica, que envolvia desde a formulação de Cairnes até o trabalho de Marshall como uma tendência “quase evolucionária”, isto é, com a intenção e o objetivo de superar a economia de cores animistas, teleológica, mas ainda sem adotar plenamente os hábitos dos cientistas verdadeiramente evolucionários.” Para mais detalhes ver Aspromourgos (1986) e Lawson (2013).

²¹ Em relação à matemática, Marshall critica diversas vezes os usos de longas cadeias dedutivo-matemáticas: “É evidente que não há lugar na Economia para longas séries de raciocínio dedutivo: nenhum economista, nem mesmo Ricardo os tentou. Na verdade pode parecer à primeira vista que o uso frequente de fórmulas matemáticas nos estudos econômicos sugira o contrário. Mas investigando-se, verificar-se-á que essa impressão é ilusória exceto talvez quando um matemático puro utiliza hipóteses econômicas para fins de demonstrações matemáticas, porque então seu intento é mostrar as potencialidades dos métodos matemáticos na suposição de que o material apropriado para o seu uso foi fornecido pelo estudo econômico. Ele não assume a responsabilidade técnica pelo material, e frequentemente não repara quão inadequado é o material para suportar as tensões de seu poderoso maquinismo. Um preparo matemático, porém, é utilíssimo por dar o domínio de uma linguagem maravilhosamente concisa e exata para expressar claramente certas relações gerais e certos breves processos de raciocínio econômico, que podem, de fato ser expressos na linguagem comum, mas nunca com igual nitidez de contornos” (Marshall, 1982, p. 357). Todavia, essa parte da análise do autor, bem como suas tentativas de análise de incertezas e dinâmica, foram perdidas através da análise Pigouviana de seus escritos, que em muito reduziram e simplificaram suas ideias (TIGRE, 2005; HODGSON, 2013).



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

modo mais intenso e constante, a conduta do homem na parte comercial de sua vida” (p. 85). Ademais, “Finalmente, a matéria da Química é sempre a mesma, mas a Economia, como a Biologia, trabalha sobre matéria cuja natureza íntima e constituição, bem como forma exterior, estão constantemente variando” (p. 349). De fato, o capítulo introdutório e o capítulo II “A substância da Economia” realizam um amplo recorte e debate social-histórico. Neste clima, verificou-se uma significativa queda da utilização da linguagem formal, e mesmo os principais seguidores dos pioneiros do marginalismo foram bem mais moderados no uso das matemáticas do que seus mestres (MIROWSKI, 1991).

A reação contra a perspectiva marginalista/formalista avançaria, ao longo das décadas posteriores, chegando-se a uma situação de coexistência de diversas abordagens. E em particular a ascensão da Revolução Keynesiana deu a impressão que mudaria significativamente a forma de se fazer ciência econômica.

John Maynard Keynes foi, talvez, o economista que mais enfatizou a necessidade de conseguir um impacto na opinião pública, além de na própria comunidade de economistas. Sua vida e sua obra estiveram caracterizadas por um esforço ativo e consciente de ganhar os corações e as mentes dos economistas, especialmente dos jovens, e do público geral (ANUATTI, 1996). Sua “Teoria Geral”, obra que impactou profundamente a teoria e a política econômicas, não contém praticamente nenhuma formalização. A perspectiva keynesiana reorientou a ciência econômica, e a constituição de um campo específico – que viria a ser chamado de macroeconomia – foi em grande medida uma consequência do profundo impacto de suas ideias. Todavia, esse sucesso em termos teóricos não seria alcançado em questões metodológicas.

Poucos meses após o lançamento da Teoria Geral, diversos economistas de formação neoclássica se propuseram reinterpretar a análise keynesiana em termos formais. A proposta que alcançou maior êxito foi a de John Hicks, cujo modelo IS-LM transformava a análise keynesiana em um caso particular da análise neoclássica vigente até então (HELLER, 2007). Mas, à luz dos eventos posteriores, a mudança mais importante que ocorria nesse momento estava longe dos holofotes. Diversos físicos e matemáticos (como Ragnar Frisch e Jan Tinbergen) se voltaram para a economia no início dos anos 1930 (MIROWSKI, 1991); outro jovem economista, Paul Samuelson, se propôs, em sua tese doutoral, mudar o tipo de instrumental matemático utilizado na



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Maísa Goulart

economia. O próprio Samuelson, talvez o economista com maior responsabilidade individual pelos rumos da ciência econômica nas primeiras três ou quatro décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial²², teria um papel fundamental para transformar a versão formalizada de Keynes via Hicks na interpretação canônica da mensagem keynesiana dentro da ortodoxia econômica.

Nesse contexto, a abordagem formal iria crescentemente ganhando espaço, passando a definir o que pode ser considerado legitimamente como Ciência Econômica. Tal que para Colander (2000), a única característica exigida hoje para que um trabalho possa formar parte do *mainstream* da ciência econômica é que ele seja formalizado. Essa mudança de agenda exigiu a convergência de diversos fenômenos.

Desta maneira, em meados anos 1960, a mudança de agenda da ciência econômica passa a ser quase absoluta. Todavia, os críticos do tsunami ortodoxo ainda encontrariam algum espaço para formular seus questionamentos. Talvez a denominada “Controvérsia do Capital”²³ tenha sido o último grande episódio de debate entre correntes teóricas diferentes na história do pensamento econômico (HARCOURT & LAING, 1971). Nele, líderes intelectuais da ortodoxia, como Paul Samuelson e Robert Solow, ainda acharam relevante se engajar numa discussão com críticos da visão neoclássica, como Joan Robinson e Piero Sraffa. A partir deste ponto economistas heterodoxos nunca mais teriam a deferência de serem tratados pela ortodoxia como interlocutores dignos de respeito. Assim, o dogmatismo inerente à ortodoxia estava, de fato, estabelecido e a hegemonia da ortodoxia estava garantida, independente de todas as questões teóricas e metodológicas já mencionadas.

Uma alternativa metodológica reconhecida como apropriada para as análises econômicas, considerando a complexidade dos fenômenos inerentes a esta ciência, é o pluralismo. É considerado como um conceito normativo que diz respeito à aceitação de que os fatos econômicos, por sua complexidade e interligação com fatores históricos, políticos, sociais, institucionais e ideológicos (e isso para não falar em questões comportamentais/psicológicas ou mesmo culturais e antropológicas dos agentes

²² A economista Deirdre McCloskey sugeriu que a economia ortodoxa atual deveria ser denominada “economia samuelsoniana”.

²³ Também conhecida como “Cambridge x Cambridge”, por enfrentar alguns economistas da tradicional universidade inglesa com outros do MIT, localizado em Cambridge, Massachusetts.



econômicos) podem ser tratados sob diferentes perspectivas analíticas, ganhando em variedade e profundidade de compreensão (BIANCHI, 2010)

Com isso, elencamos que os autores partilham uma opinião em favor das abordagens pluralistas, para além da aceitação do pluralismo nos momentos em que este se apresenta como conveniente, mas considerando os problemas lógicos envolvidos na aceitação de uma única teoria como representativa da verdade, a complexidade inerente às ciências sociais aplicadas – e especialmente no que concerne à economia -, entendendo a proposta como postura ética, cujos pressupostos básicos devem ser buscados e vigiados a todo tempo (FERNANDEZ, 2011).

Conclusão

Ao considerar o objetivo deste trabalho, conclui-se apontando para a atualidade dos temas discutidos nas seções anteriores. Dessa forma, enfatiza-se que a economia política e análise metodológica apresentam-se como argumentos fundamentais para explicitar o *link* entre a crítica ao *mainstream* e os debates sobre suas alternativas.

Com isso, após a análise da literatura pertinente, supracitada nas seções apresentadas, os autores esperam ter deixado claro que há um reduccionismo inerente ao *mainstream*, tanto em termos teóricos quanto metodológicos, que demanda uma análise sobre as alternativas a esta corrente, dentre as quais a abordagem da complexidade e do pluralismo. O objetivo do artigo, assim, não é esgotar as análises da pluralidade ou da complexidade na economia, muito pelo contrário, se objetiva a introdução dos tópicos não como objetos separados e desconexos mas como poderosas análises em conjunto. Assim, a primeira seção apresentou a crítica teórica, proveniente da economia política, mais especificamente à forma com que a teoria neoclássica observa o ambiente econômico.

Por sua vez, a segunda seção evidenciou a crítica metodológica aos reduccionismos do *mainstream*, ressaltando, especialmente, a necessidade de reconhecer os limites da capacidade preditiva da economia enquanto ciência social aplicada e os problemas decorrentes do uso da matemática como um fim em si mesma. Neste sentido, ressalta-se por fim que não há crítica da matemática e da formalização *per se* todavia, a



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Maísa Goulart

agenda de pesquisa aqui defendida toma tais desenvolvimentos como *formas de análise* e não como *a própria análise*.

Após compreender e identificar os reduccionismos como inerentes ao *mainstream* tal como ele é, os autores apontam na direção de uma agenda de pesquisa que correlaciona teoria e metodologia, complexidade e pluralismo. Os autores indicam que estas abordagens podem incentivar análises mais frutíferas.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, D.; JOHNSON, S.; ROBINSON, J. A. Chapter 6 Institutions as a Fundamental Cause of Long-Run Growth. In: AGHION, P.; DURLAUF, S. N. (Ed.). **Handbook of Economic Growth**. [s.l.] Elsevier, 2005. 1p. 385–472.

ANUATTI, F. Persuasão Racional: uma análise do esforço de Keynes na formação de uma opinião favorável à mudança nas políticas econômicas in **29º Encontro Nacional de Economia/ ANPEC**, Águas de Lindóia/ SP, 1996.

ARTHUR, W. B. Complexity Economics: A Different Framework for Economic Thought. In: ARTHUR, W. B. (Ed.). **Complexity and the economy**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2015.

ASPROMOURGOS, T. On the Origins of the Term ‘Neoclassical’. **Cambridge Journal of Economics**, v. 10, n. 3, P. 265-270, 1986.

BALE, C. S. E.; VARGA, L.; FOXON, T. J. Energy and Complexity: New Ways Forward. **Applied Energy**, v. 138, p. 150–159, jan. 2015.

BELLUZZO, L. G. Prefácio à edição brasileira. In: RUBIN, I. I. (Ed.). **A teoriamarxista do valor**. São Paulo: Polis, 1987. p. 13–18.

BELLUZZO, L. G. **Valor e Capitalismo: um ensaio sobre a Economia Política**. Campinas, Unicamp, 1998

BELLUZZO, L. G. A ordem natural da economia política (Prefácio). In: Mantega, G.; Rego. J.M. **Conversas com Economistas Brasileiros II**. São Paulo, Editora 34, 1999.

BENTHAM, J. **An introduction to the principles of morals and legislation**. Dovered ed. Mineola, N.Y: DoverPublications, 2007.

BIANCHI, A. M. Muitos métodos é o método: a respeito do pluralismo. **Revista de Economia Política**, v. 12, n. 2 (46), 1992.

BIANCHI, A. M. Reflexões sobre o Passado e especulações sobre o Futuro da Metodologia Econômica, **EconomiA**, v. 11, n. 4, p. 01-13, dezembro/ 2010.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Maísa Goulart

BRAGA, J. C. Karl Marx: a contemporaneidade de O capital. In: CARNEIRO, R. (Ed.). **Os clássicos da economia: Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx, Alfred Marshal, León Walras, Knut Wicksell**. Fundamentos. Rio de Janeiro: Ática, 1997. p. 97–104.

CALDWELL, B. **Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century**. London: George Allen & Unwin, 1982

CARDIM DE CARVALHO, F. J. Capítulo 12: Políticas econômicas para economias monetárias. In: SICSÚ, J.; PAULA, L. F. DE; LIMA, G. T. (Ed.). **Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 258–283.

CASANOVA, P. G. **As Novas Ciências e as Humanidades: da Academia à Política**, São Paulo: Editora Boitempo, 2006;

CAVALIERI, M. A. R. Thorstein Veblen entre seus pares economistas: um estudo sobre a audiência e a estrutura argumentativa de sua crítica sistemática ao pensamento econômico in: **Anais do 40º Encontro Nacional de Economia/ ANPEC**, Porto de Galinhas, 2012.

COASE, R. H. The problem of social cost. **The Journal of Law and Economics**, v. III, p. 1–44, out. 1960.

COASE, R. H. The institutional structure of production. In: MÉNARD, C.; SHIRLEY, M. M. (Ed.). **Handbook of new institutional economics**. Berlin: Springer, 2008. p. 31–40.

COLANDER, D.; HOLT, R. & ROSSER JR., B. The Changing Face of Mainstream Economics. **Review of Political Economy**, 16, 4, 2004, pp 485-499.

COLANDER, D. The Death of Neoclassical Economics. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 22, n. 02, p. 127-143, jun. 2000.

COLANDER, D. C. Capitalism as a Complex Evolving System. **Ekonomi-tek - International Economics Journal**, v. 3, n. 1, p. 13–22, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. Estado forte, guardião do direito privado. In: **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Estado de Sítio. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIDSON, P. **Post Keynesian macroeconomic theory: a foundation for successful economic policies for the twenty-first century**. Cambridge: Edward Elgar, 1994.

DAVIS, J. B. Why is economics not yet a pluralistic science? **Post-autistic economics review**. v. 43, p.41-51, 2007;

DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 2, 2007, p.279-302,



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

- DEQUECH, D. Uncertainty: A Typology and Refinements of Existing Concepts. **Journal of Economic Issues**, v. 0, n. 3, p. 621–640, 1 set. 2011.
- DOBUSCH, L.; KAPELLER, J. Heterodox United vs. Mainstream City? Sketching a framework for interested pluralism in economics.” **Journal of Economic Issues**, 46, 4, pp. 1035-1057, 2012.
- DOW, S. Heterodox Economics: A Common Challenge to Mainstream Economics? In: **Macroeconomics and Macroeconomic Policies: Alternatives to the Orthodoxy’ Conference**, Berlin, 28-9 Setembro, 2005. Disponível em: <http://www.boeckler.de/pdf/v_2005_10_28_dow.pdf> Acesso em: 13/06/2016 Acesso em 05/07/2016
- DOW, S. Reorienting Economics: Some Epistemological Issues. **Journal of Economic Methodology**, 11 (3), 307-12, 2004a.
- DOW, S C ‘Structured Pluralism’, **Journal of Economic Methodology**, 11 (3), 275-90, 2004b.
- ENGELS, F. Esboço de uma crítica da economia política. **Revista Temas de Ciências Humanas**. São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 5, pp. 1-2, 1979.
- FANG, F. C.; CASADEVALL, A. Reductionistic and Holistic Science. **Infection and Immunity**, v. 79, n. 4, p. 1401–1404, 1 abr. 2011.
- FAUSER, H. e KASKEL, M. **Pluralism in economics teaching in Germany – evidence from a new dataset**. [s.l.] Disponível em: https://www.boeckler.de/pdf/v_2016_10_21_fauser.pdf Acessado em 05 de julho de 2017. 2016.
- FERNÁNDEZ, R.G. A metodologia como argumento a favor de uma economia pluralista. In: J. GUILHOTO, P. G. DUARTE & S. SILBER (Orgs.). **O Brasil e a ciência econômica em debate - Volume 2 - O estado da arte em economia**. São Paulo: Saraiva, p. 137-152, 2011.
- FOXON, T. J.; KOHLER, J.; MICHIE, J.; OUGHTON, C. Towards a New Complexity Economics for Sustainability. **Cambridge Journal of Economics**, v. 37, n. 1, p. 187–208, 1 jan. 2013.
- FULLBROK, E. **The crisis in economics**. Kentucky: Routledge, 2003.
- FULLBROK, E. **Pluralist Economics**. Kentucky: Routledge, 2008.
- HARCOURT, G & LAING, N. **Capital and Growth**. Harmondsworth: Penguin, 1971.
- HAYEK, F. A Pretensão do Conhecimento. **Revista Brasileira de Economia** v. 37, n. 4, (1974) 1983.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

- HEINRICH, M. The Object of Critique in the Critique of Political Economy. In: **An introduction to the three volumes of Karl Marx's Capital**. New York: Monthly Review Press, 2012. p. 29–38.
- HELLER, C. Hicks, a teoria geral e a teoria geral generalizada. **Economia**, v.8, p.401-436, 2007.
- HODGSON, G. M. Veblen and darwinism. **International Review of Sociology / Revue Internationale de Sociologie**, v. 14, n. 3, p. 343–361, 1 nov. 2004.
- HODGSON, G. M. Come Back Marshall, All Is Forgiven? Complexity, Evolution, Mathematics and MarshallianExceptionalism. **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 20, n. 6, p. 957–981, dez. 2013.
- KEYNES, J. M. The General Theory of Employment. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 51, n. 2, p. 209–223, fev. 1937.
- KEYNES, J. M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- KERSTENETZKY, C. L. Individualismo Interativo, in **32º Encontro Nacional de Economia/ ANPEC**, João Pessoa, 2004.
- LAVILLE, C. e DIONNE **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LAVOIE, M. A moeda em um programa de pesquisa comum para o pós-keynesianismo e o neo-ricardianismo. **Revista de Economia Política**, vol. 12, nº 3, jul-set, 1992.
- LAWSON, T What is this ‘school’ called neoclassical economics? **Cambridge Journal of Economics**, v.32, n.5, p. 947-83, 2013.
- LEIJONHUFVUD, A. Life among the Econ. **Western Economic Journal**v. 11, nº 3, p.327-37, 1973.
- MARSHALL, A. **Princípios de Economia**. Vol. II. São Paulo. Abril Cultural. 1982.
- MARX, K. **O capital**. São Paulo. Abril Cultural. 1983.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural. 1985.
- MÄKI, U.The one world and the many theories in **Pluralism in Economics: new perspectives in history and methodology**. Cheltenham: Edward Elgar, 1997;
- MILONAKIS, D. Crise Econômica, a Crise da Economia e o Futuro da Economia Política. **Argumentum**, v. 3, nº 2, p. 12-30, jul./dez. 2011
- MINSKY, H. P. **John Maynard Keynes**. New York: Columbia University Press, 1975.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Metodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Máisa Goulart

_____ The Legacy of Keynes. **The Journal of Economic Education**, v. 16, n. 1, 1985

_____ Money and Crisis in Schumpeter and Keynes. In: Wagener, H-J; Drukker, J. W. **The economic law of motion of modern society: a Marx-Keynes-Schumpeter Centennial**, Cambridge University Press, 1986.

MIROWSKI, P. **More Heat than Light**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

MIROWSKI, P. The when, the how and the why of mathematical expression in the history of economic analysis. **Journal of Economic Perspectives**, v.5, n.1, p. 145-57, 1991

MITTELTRASS, J. Complexity, Reductionism, and Holism in Science and Philosophy of Science. **Proceedings of the Plenary session of Conference “Complexity and Analogy in Science: Theoretical, Methodological and Epistemological Aspects”**. **The Pontifical Academy of Science**, v. 5, n. 7, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.pas.va/content/dam/accademia/pdf/acta22/acta22-mittelstrass.pdf>>.

MUELLER, B. Beliefs, institutions and development on complex landscapes. **Economic analysis of law review**, v. 7, n. 2, p. 474–495, dez. 2016.

NAKATANI, P. A ciência econômica hoje: crises e alternativas. **Leituras de Economia Política**, nº 18, p.1-7, 2011

NEVILLE KEYNES, J. **The Scope and Method of Political Economy**, Nova York: University Press, 4a. Ed., 1917.

NORTH, D. Institutions and the Performance of Economies over Time. In: MÉNARD, C.; SHIRLEY, M. M. (Ed.). **Handbook of new institutional economics**. Berlin: Springer, 2008. p. 21–30.

POLANYI, K. O mercado auto-regulável e as mercadorias fictícias: trabalho, terra e dinheiro. In: **A grande transformação**. 2º ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 19–34.

POLANYI, K.; PEARSON, H. W. The economic fallacy. In: **The livelihood of man**. Studies in social discontinuity. New York: Academic Press, 1977a. p. 6–18.

POLANYI, K.; PEARSON, H. W. Two meanings of economic. In: **The livelihood of man**. Studies in social discontinuity. New York: Academic Press, 1977b. p. 19–34.

POSSAS, M. A cheia do ‘Mainstream’: comentário sobre os rumos da ciência econômica. **Revista de Economia Contemporânea**, 1 (1), pp. 13-58, 1997.

POSSAS, M. L. Concorrência Schumpeteriana. In: KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. (Ed.). **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. 2a ed ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Editora Campus, 2002. p. 415–430.



Hamlet Com O Príncipe Dinarmaquês: Uma Alternativa Teórico-Methodológica Aos Reduccionismos Inerentes Ao Mainstream – Gustavo Andreão e Maísa Goulart

- PRADO, E. F. S. Microeconomia reducionista e microeconomia sistêmica. **Nova Economia**, v. 16, n. 2, p. 303–322, ago. 2006.
- PRADO, E. F. S. Três concepções de complexidade. In: **Economia, complexidade e dialética**. São Paulo: Plêiade, 2009.
- ROBINSON, J. **Aspects of Development and Underdevelopment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- ROBINSON, J. **What are the Questions and Other Essays - Further Contributions to Modern Economics**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- RUBIN, I. I. **A history of economic thought**. [s.l: s.n.]
- RUBIN, I. I. Introdução. In: **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Polis, 1987. p. 13–18.
- SCHEALL, S. Lesser degrees of explanation: further implications of F.A. Hayek's methodology of sciences of complex phenomena. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, Estados Unidos da América, v. 8, issue 1, p.42-60, 2015.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, socialism, and democracy**. 1st ed ed. New York: Harper Perennial Modern Thought, 2008.
- SIMON. Rational decision making in business organizations. **The American Economic Review**, v. 69, n. 4, p. 493–513, set. 1979.
- SIMON, H. A. Theories of decision-making in economics and behavioral science. **The american economic review**, v. XLIX, n. 3, p. 253–283, jun. 1959.
- STEINDL, J. Karl Marx e a acumulação de capital. In: **Maturidade e estagnação no capitalismo americano**. Os Economistas. 1º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 245–261.
- TIGRE, P. B. Paradigmas Tecnológicos e Teorias Econômicas da Firma. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 4, n. 1, p. 187, 2005.
- VAZQUEZ, M. Institutional dynamics in na economy seen as a complex adaptive system. **Bocconi IEFE Working Paper**, v. 104, p. 33, 2018.
- VEBLEN, T. The limitations of marginal utility. **Journal of Political Economy**, v. 17, p. 620–635, 1909.
- WILLIAMSON, O. E. Transaction-Cost Economics: The Governance of Contractual Relations. **The Journal of Law and Economics**, v. 22, n. 2, p. 233–261, out. 1979.